

"BEM, EU ACHO QUE SÃO PAULO É..." REPRESENTAÇÕES DE COTIDIANO DOS MIGRANTES QUIXADAENSES. (1980-2000)

Vilarin Barbosa Barros
Mestrando em História pela UECE
Bolsista Funcap
vilarinbarros@yahoo.com.br

Eu queria de fato em minha investigação reconstituir tramas de vida, “recobrar o pulsar” de experiências vividas (MATOS, 2002, p.26-27) tendo como objeto de estudo as representações do cotidiano dos migrantes quixadaenses sobre São Paulo.

O recorte temporal que analiso situa-se entre 1980-2000, tempo que envolve a migração desses indivíduos para São Paulo. Vale destacar ainda sobre o objeto estudado que, no momento da entrevista os narradores se localizavam em Quixadá, ou seja, em sua “casa natal” (BACHELARD, 1993, p.34).

Dessa forma, o lugar de onde falam, o destino e período da migração são os laços que unem e distinguem os quixadaenses entrevistados.

Utilizo para este momento a história oral enquanto metodologia e ao comparar e justapor falas, viso representar e compreender a realidade através de um “mosaico”¹ que se tece aos retalhos.

Assim, gostaria de aproveitar este texto para poder dialogar, ou quem sabe, construir um diálogo montado aos retalhos, escutando vozes de sujeitos que tem suas vidas marcadas por idas e vindas no trajeto Quixadá- São Paulo no fim do século XX.

Ao trabalhar com entrevistas conduzo falas para outros lugares, busco dá voz a minha pesquisa e ouvidos aos narradores. Acredito, de fato, o que nesta pesquisa os narradores recebem “em primeiro lugar, é a escuta. A idéia de que o historiador oral dá voz aos sem-vozes é uma ilusão arrogante” (PORTELLI, 2005, p.52).

Tenho como objetivo neste artigo pensar as representações do cotidiano dos migrantes quixadaenses sobre São Paulo, representações que chegam tanto por depoimentos orais, quanto por cartas e fotografias. Darei destaque neste momento as entrevistas e o que elas podem representar.

¹ No tocante a questão da utilização da História Oral enquanto metodologia e a representação da realidade através de um “mosaico”, cf. Alessandro Portelli (1997, p.16).

Por exemplo, em que momento os entrevistados recordam suas experiências vividas? Que contextos suas falas podem revelar?

As representações na verdade “se apresentam como uma maneira de interpretar e pensar a realidade cotidiana” (SÊGA, 2000, p.128-129), elas se configuram como uma vontade de ser, um modo de se apresentar. Elas são através da memória, por exemplo, a presença de um passado ausente, distante e ao mesmo tempo próximo, pois esse se mostra atualizado no presente.²

Aliás, se no presente proponho construir um diálogo, montar este texto, e refletir sobre o objeto de minha pesquisa, tecendo-o aos retalhos vamos então, ao trabalho!

“Bem, eu acho que São Paulo é...”³ representações de cotidiano dos migrantes quixadaenses, pelo menos, dessa forma é que me é apresentado através dos relatos orais de memória.

Todavia, o que esses relatos podem nos apresentar? Que cidades estão a se desvelar?

Ora, estou é verdade, pensando um passado marcado por “agoras”⁴ e fico a escutar e entender vozes. Então, o que mesmo o Sr. Cláudio Laurentino tem a contar, inclusive, sobre as motivações que conduziram sua pessoa a partir de sua terra natal rumo a São Paulo:

Vou pra São Paulo, por quê? Porque tem meu irmão lá, tinha aquilo idealizado, mas, não tinha concretizado, a gente não tinha concretizado a coisa e aí eu tinha em mente, tinha idéia, mas, eu ficava pensando como que ia ser, como podia acontecer. E já teno influência de outros colegas meu que tavam lá radicados, eu digo: eu vou, eu tenho que ir.

O Sr. Cláudio Laurentino ao me receber em sua casa, no distrito de Juatama, Quixadá-Ce, em setembro de 2006 relata sua experiência de vida enquanto migrante. Fala de seus anseios antes de partir de sua terra natal no ano de 1987 e recorda as vivências de São Paulo onde se encontrou até 1994. Ele migra num período de

² Sobre o conceito de representação cf. Sandra Pesavento (2003). Já no que diz respeito ao conceito de memória ver BOSI, Ecléa Bosi (1994) e Lucilia Delgado (2006).

³ D. Valquíria de Holanda. Depoimento concedido na sua casa, Quixadá-Ce, em maio de 2005. Entrevista realizada por Vilarin Barbosa Barros.

⁴ Cf. Walter Benjamin (1987).

“recessão econômica do país”,⁵ onde, aliás, a inflação e desemprego estavam em alta, mas, mesmo assim, partiu rumo a São Paulo até porque tinha familiares, uma proposta de emprego e amigos que já se encontravam “lá radicados”. Nesse cenário recordado é que me diz: “eu vou, eu tenho que ir”.

Por que mesmo teve que partir Sr. Cláudio Laurentino? O que de fato idealizava?

Eu não tinha em mente de continuar em São Paulo e nenhuma cidade grande, sabe? Mas, mesmo assim, você tem que conhecer as coisas pra depois você ir comentar, você ver as diferenças, onde é o melhor, às vezes você está num lugar pequeno, que nem hoje eu tou aqui e talvez esteja muito melhor do que se estivesse em São Paulo, entendeu? (Sr. Cláudio Laurentino)

Entendo que hoje o Sr. Claudio Laurentino acumulou experiência de vida, participou de um processo migratório que muito ouvira falar, passando a ser sujeito que diz o que aprendeu, e conquistou emprego em sua terra natal.

Acredito que estás satisfeito com sua vida em Quixadá...

“Porque é tranquilidade eu tou na família, eu tou em casa, aquela terra que a gente pisa é nossa. Eu num tou pisando em terreno alei (alheio). A cidade grande é diferente”.⁶ Esta é a opinião do Sr. Cláudio Laurentino que semelhante aos demais entrevistados constrói identificações e diferenças ao comparar suas experiências de vida em sua terra natal, “tou em casa”, com o tempo que viveu em São Paulo, que segundo ele, “seria diferente do que eu vivi aqui”.

E mais, vejo também na fala do Sr. Cláudio Laurentino que possivelmente conquistou seus objetivos ao migrar.

“Pelo conhecimento (conquistado) eu acho que eu já tive uma grande experiência. Oh, se tudo continuar como eu estou hoje, eu só quero ir a São Paulo pra passear, pra matar a saudade. Apesar de tudo, eu ainda desejo ver alguns amigos lá”⁷

⁵ As idas e vindas de todos os entrevistados coincidem com o período de redemocratização do país e de seu estado de recessão econômica. Sobre a questão econômica do país e de São Paulo. Cf. Teresa Caldeira (2000).

⁶ Sr. Cláudio Laurentino. Depoimento concedido na sua casa, distrito de Juatama, Quixadá-Ce, em setembro de 2006. Entrevista realizada por Vilarin Barbosa Barros.

⁷ Idem.

O que mesmo as memórias dos entrevistados podem nos contar? O que possivelmente sentiram e viveram num “outro lugar”?

Que D. Eliana Lima sobre isso possa falar: “foi muito mocionante (sic) quando eu cheguei lá, não foi nada do que eu pensei, me achei té praticamente perdida. Principalmente na rodoviária de lá, muito grande”.⁸

D. Eliana Lima me concedeu entrevista em sua casa, localizada no município de Quixadá-Ce, em março de 2005. Ela foi para São Paulo no ano de 1985 e retornou de morada para sua terra natal em 1999. Quando emigrou em meados dos 80 tinha como referência em São Paulo alguns familiares que ainda hoje por lá residem.

Depois que ela emigrou em 1985 dois irmãos seus, respectivamente; Sr. Antônio Teixeira e Sr. Gilberto Teixeira, também seguiram para aquela grande metrópole do sudeste nos anos de 1986, 1989. O primeiro retornou a Quixadá em 1993 e o Sr. Gilberto Teixeira voltou apenas em 1998.

D. Eliana Lima em sua fala representa o que foram suas primeiras impressões no terminal rodoviário e constrói através de sua narrativa um lugar diferente de Quixadá; um mundo muito agitado, sem referências e que deixava a recém chegada D. Eliana Lima “perdida”.

Em “Os sampauleiros”, Ely Estrela (2003), também menciona uma sensação de estranhamento num primeiro momento dos indivíduos que chegavam da Bahia em São Paulo. “As dimensões da cidade desconcertavam os recém-chegados e quase todos passaram pela experiência da desorientação espacial” (ESTRELA, 2003, p.158).

Ora, em se tratando de desorientação espacial e de primeiras impressões de São Paulo gostaria de “escutar” mais alguns depoimentos. Com a palavra, Sr. Antônio Teixeira:

A sensação na realidade ao chegar, no momento em que eu cheguei (em São Paulo), era a sensação que eu estava totalmente perdido. É porque você chega lá é aquela multidão, aquela correria, aquela loucura dentro do terminal rodoviário, quando eu vi aquilo, a rente brabo, então, quando eu via aquela

⁸ D. Eliana Lima. Depoimento concedido na sua casa, no município de Quixadá-Ce, em Março de 2005.

multidão de gente ali eu disse: vala meu Deus, nunca mais que eu vou voltar pra minha terra!⁹

Uma cidade sentida em seu frenesi, “estranha”, grandiosa em significados, exorbitante em cores, deslumbrante, a megalópole do fim do século XX é registrada nos relatos de memórias dos migrantes quixadaenses. Aliás, as impressões e lembranças dos entrevistados parecem mesmo construir uma cidade concreta semelhante às construções realizadas com pedras e tijolos, chegando a representar “camadas superpostas e justapostas de experiências e de conhecimentos” (BRESCIANI, 2004, p.138).

Mas, digam-me mais sobre os primeiros contatos que tiveram com São Paulo.

Ói, pra chegar a gente passa por Guarulhos, já na grande capital, a gente vai ver muitas coisas, eu vi, olhei pra Tietê com a rodoviária moderna, que até hoje ainda é moderna e vi o esqueleto do concreto, a obra construída assim, uma cidade totalmente evoluída, muito dinheiro rolando, sabe? Seria diferente do que eu vivi aqui. (Sr. Cláudio Laurentino)

A fala supracitada do Sr. Cláudio Laurentino, enriquecida com detalhes referentes às suas primeiras impressões de São Paulo, está marcada possivelmente por uma experiência vivida no passado que lhe dá suporte no presente para que saiba de nomes de cidades. Aliás, ele contou que teve “oportunidade de conhecer cidades, conhecer o muito do Estado de São Paulo”¹⁰ através de seu trabalho.

De fato, o trabalho que lá desenvolveu, em construtoras civis, pode também ter dado condições ao entrevistado para recordar seu passado e suas primeiras impressões de São Paulo referindo-se aos esqueletos de concreto constatado como algo diferente do que antes fora visto e hoje percebe em sua terra natal.

Ora, parece que o Sr. Gilberto Teixeira deseja acrescentar algo...

⁹ Sr. Antônio Teixeira. Depoimento concedido na sua casa, distrito de Custódio-Quixadá-Ce, em Novembro de 2004. Entrevista realizada por Vilarin Barbosa Barros.

¹⁰ Idem.

“A pessoa vai dizer que lá nada é diferente daqui, claro que é! Um lugar bem mais moderno, evoluído, e também o sistema de ser e de tudo eu achei muita diferença pro lado melhor”.¹¹

O Sr. Gilberto Teixeira, pelo que me consta emigrou com a intenção de conhecer algo diferente, conquistar um emprego, acumular dinheiro e isso você conseguiu. Disse-me outrora que se adaptou fácil até porque já tinha uma parte de seus irmãos morando em São Paulo e que lá era um lugar bem “moderno”, muito estruturado. Então, diante tudo isso, devo confessar que não entendo, às vezes, por que retornou a Quixadá.

“É porque Vilarin, eu já vivia abusado já. Você morar num lugar agitado assim, você num lugar que é tranqüilo, mais calmo, a pessoa tem aquele sonho pra realizar pra no dia em que vir embora tá na sua terra natal que é mais melhor”.¹²

Entendo que outros sentimentos e intentos, outras facetas de cidades a partir de então podem se revelar: “Cidade grande ninguém é de ninguém. Você procura fazer amizade, não é que nem aqui, faz porque enfim, tem os conterrâneos da gente que sempre apóia a gente, mas, lá ninguém é de ninguém”.¹³ Opinou Sr. Antônio Jorge.

E sobre as coisas bonitas, modernas e evoluídas que o Sr. Gilberto Teixeira falou?

Pois bem, diga-me Sr. Cláudio Laurentino: “mas lá também existe coisa feia, muita favela, muitas casa que eu observei aqui no nosso sertão eu vi coisas lá iguais ou talvez pior, gente com condições precárias também morando em locais horríveis”.¹⁴

Quer dizer que São Paulo também é um lugar desestruturado e que tem “locais horríveis”, pobreza, e mais, é um mundo marcado pelo anonimato e individualismos onde “ninguém é de ninguém”?

Agora, que o Sr. Nazareno Firmino possa falar!...

A gente fala assim, mas tem gente muito boa, entendeu? Quando você começa a conhecer, por exemplo, se você andar num canto todo o dia e todo dia você ver aquela pessoa logo você vai tá tendo amizade, né? Aí você fica,

¹¹ Sr. Gilberto Teixeira. Depoimento concedido na sua casa, Quixadá-Ce, em abril de 2005. Entrevista realizada por Vilarin Barbosa Barros.

¹² Idem.

¹³ Sr. Antônio Jorge. Depoimento concedido na casa de seu irmão, distrito de Custódio, Quixadá-Ce, em Março de 2005.

¹⁴ Sr. Cláudio Laurentino.

“você já fica... ‘você trabalha em algum canto?’ ‘Trabalho’. ‘Eu também.’ Então é assim, pega um trem junto, pega um ônibus, aí é a amizade, continuando, aí ele já tem amigo aí você já faz amizade com ele, com o amigo dele.”¹⁵

Então é dessa forma que se estabeleceram as amizades numa grande metrópole, com o “habitar” das pessoas, ou seja, ao criarem hábitos no dia-a-dia, conforme salienta Silvia Ferraz (1994, p.123). Uma relação que se dá com o tempo, depois de inúmeros ajustamentos das práticas cotidianas.

O Sr. Américo Soares também comenta sobre a maneira que fazia amizade em São Paulo: “A gente faz amizade igualmente a gente faz com os outros nordestinos que lá tem muito. Aí vai fazendo aquela amizade rapidamente com eles e eu não tive problema de se adaptar com eles. Foi muito fácil se adaptar”.¹⁶ O Sr. Américo Soares emigrou para São Paulo em 1976 e retornou a sua terra natal em 1992.

Falem-me mais sobre a adaptação de vocês!

“Rapaz, em 87 foi... nós ainda era bem acanhado quando a gente chegou lá que nós num se sentia à vontade... com o tempo é que a gente vai se acostumando”.¹⁷ Assim relatou o Sr. Gilberto Nunes.

Já o Sr. Nazareno Firmino disse que: “um ano depois aí você vai se acostumando, vem perdendo o medo, porque você tem medo numa cidade você tem medo, né?”¹⁸

Por que o medo?

Rapaz, era o seguinte, é o medo agente tem porque num tinha dinheiro, eu não conheço ninguém, mil pessoas passa bateno em você, mas, não fala com você, nem conhece. É aquela rotina, é a solidão. Primeiro é a solidão que você sente falta da família e longe de casa. Às vezes você diz, rapaz o que é que eu to fazendo aqui? (Sr. Nazareno Firmino)

¹⁵ Sr. Nazareno Firmino. Depoimento concedido na casa de seu irmão, distrito de Juatama, Quixadá-Ce, em outubro de 2006. Entrevista realizada por Vilarin Barbosa Barros.

¹⁶ Sr. Américo Soares. Depoimento concedido na sua casa, distrito de Custódio, Quixadá-Ce, em março de 2005. Entrevista realizada por Vilarin Barbosa Barros.

¹⁷ Sr. Gilberto Nunes. Depoimento concedido na sua casa, Quixadá-Ce, em setembro de 2005. Entrevista realizada por Vilarin Barbosa Barros.

¹⁸ Sr. Nazareno Firmino.

Solidão?!... Diretamente de 1978, trechos de uma amizade estabelecida em São Paulo, traçada em poucas linhas de uma correspondência, seguem para Quixadá com ares de saudosismo, com traços de solidão:

Querida amiga. Como vai tudo bom? Querida eu estou com tanta saudade de você, tanta vontade de te ver que você nem pode imaginar: eu não tenho amiga, vivo só trabalhando e estudando. Eu estou completamente sosinha, neste momento eu só sinto vontade de chorar e mais nada, estou muito triste nem eu mesma sei porque me sinto assim, não tenho motivos para estar tão triste assim, acho que é só mesmo saudade de uma grande amiga que é você.¹⁹

Que possíveis significados essas vozes podem revelar? D. Alderiza Silva, gostaria de opinar?

“No fundo, no fundo São Paulo só tem ilusão, só ilusão, as pessoas acham que São Paulo é fácil pra viver, você vive mas você tem que batalhar, trabalhar, correr”²⁰

Sr. Américo Soares e Sr. Antônio Teixeira, respectivamente, por favor, me falem da adaptação de vocês em São Paulo.

Eu já tinha lá o meu irmão, morava lá a um ano, tinha primo, os parentes mesmo da gente para os outros: ‘ora, esse aqui é meu irmão, chegou do nordeste, chegou do Ceará e essa pessoa vai ficar com a gente’. Então, a gente passou a ser uma amizade a mais, não foi difícil não, eu me adaptei muito fácil. (Sr. Américo Soares)

Ah! Lá já mudou a rotina. É porque o seguinte, lá eu já comecei a trabalhar, já comecei a pegar num dinheirinho, e outra, o lazer lá era totalmente diferente. Lá a gente na maioria dos finais de semana a gente ia pra choperias, tinha salão, tinha muitas vezes final de semana, que os colegas, às vezes, tava construindo casas, que eles usam muito isso lá cara, essas táticas... É, vamos encher a laje de fulano de tal, é domingo! Aí a gente se

¹⁹ Trecho de uma carta doada por D. Albaniza Barbosa, carta essa que foi enviada a sua pessoa de São Paulo para o distrito de Custódio, Quixadá-Ce em 22 de julho 1978.

²⁰ D. Alderiza Silva. Depoimento concedido na sua casa, distrito de Custódio, Quixadá-Ce, em junho de 2005. Entrevista realizada por Vilarin Barbosa Barros.

reunia a turma dos colegas da gente, ia encher a laje e quando terminava era aquela feijoada, aquela cachaça, era bom. Aí ali considerava um lazer, era um trabalho e ao mesmo instante virava um lazer. (Sr. Antonio Teixeira)

Além do Sr. Américo Soares e Sr. Antônio Teixeira, o Sr. Nazareno Firmino poderia relatar como se configurava o seu lazer em São Paulo?

É... final de semana, reunia família. Num final de semana numa casa do outro, entendeu? Fazer um churrasco. Todo final de semana tinha! Todo final de semana tinha... lá é tradicional. Aí passava o domingo lá... já combinava pra sua casa, entendeu? Então assim ia... aí ia levando a vida. Agora hoje em dia se as pessoas disser, ‘rapaz tu quer ir pra São Paulo trabalhar lá?’ Eu não queria (deixar de) viver minha vidinha aqui. (Sr. Nazareno Firmino)

Posso imaginar, até porque já me falou sobre as dificuldades que enfrentou em São Paulo, uma cidade que ensina, acolhe, mas também causa medo. E mais, um lugar de multidão e solidão, de oportunidades e incertezas.

O contexto vivido no presente pelo Sr. Nazareno Firmino parece condicioná-lo a fincar os pés e caminhar com segurança em sua terra natal, pois, amealhou economias quando emigrou nos anos 90 para São Paulo e hoje é comerciante no distrito de Juatama, Quixadá-Ce.

Enfim, eu queria aproveitar o momento para agradecer aos senhores e senhoras que tem me ensinado um pouquinho sobre um tempo que não vivenciei. Agradeço também por terem falado de suas primeiras impressões de São Paulo, de seus medos, do que acharam diferente, de uma rotina mudada, de seus lazeres, da importância da família e sobre um pouco de como se adaptaram.

Falaram também de valores, sonhos e decepções, “São Paulo só tem ilusão”, como já disse D. Alderiza Silva.

Eu queria poder voltar em breve para saber um pouco mais das relações de vizinhanças que estabeleceram em São Paulo, assim como, ouvi-los falar sobre suas vivências nos espaços de trabalho, de suas saudades e de como se comunicavam com

seus familiares que ficaram em sua terra natal, isso pode me ajudar a compreender as motivações que impulsionaram vocês a migrar.

Acredito que seus relatos de memórias podem evidenciar não só outras faces da migração e da cidade, mas também, as múltiplas faces da história, marcada por sensibilidades, deveras dinâmica e cheia de ambigüidades!

Antes mesmo de concluir deixo-os a vontade se quiserem falar mais alguma coisa...

“Eu consegui conhecer e ganhei experiência, hoje eu não tenho medo de sair pra estado nenhum, porque eu sei andar, sei sair, aprendi muita coisa, o mundo é um mestre da gente”.²¹

“É o que eu digo pra todo mundo, macho o mundo ensina você”.²²

Com certeza, voltarei em breve para a gente dialogar mais...

“Qualquer coisa se precisar aqui tá as orde, tá bom?”.²³

Obrigado!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo, Martins Fontes, 1993.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas, volume 1. Editora Brasiliense. 1987.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

²¹ Sr. Américo Soares.

²² Sr. Nazareno Firmino.

²³ Sr. Antônio Teixeira

BRESCIANI, Maria Stella. O literato, o cronista e o urbanista. Imagens de São Paulo nos anos 1910-1920. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy.(org.) **Escrita, linguagem, objetos**: leituras de história cultural. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CALDEIRA, Teresa do Rio. **Cidade de muros**: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo. Editora 34, Edusp, 2000.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral**: memória, tempo e identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ESTRELA, Ely Souza. **Os sampauleiros**: cotidiano e representações. São Paulo, Humanitas FELCH/USP: Fapesp: Educ, 2003.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho**. EDUSC – Bauru, São Paulo. 2002

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte, Autêntica, 2003.

PETERSEN, Silvia Ferraz. A renovação da historiografia e o tema da vida cotidiana: desfazendo alguns equívocos. In: MUCH, Cláudia (org.) **Porto Alegre na virada do século 19**; cultura e sociedade. Porto Alegre/ Canaas / São Leopoldo: Ed. Universidade/ UFRS / Ed.ULBRA/ Ed. UNISINOS, 1994.

PORTELLI, Alessandro. A lógica das narrativas e a aprendizagem da diferença na pesquisa de campo. In: WHILTAKER, Dulce Consuelo Andreatta e VELOSO, Thelma Maria Grisi. **Oralidade e subjetividade- os meandros infinitos da memória**. Campina Grande: EDUEP, 2005.

_____. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: **Projeto História 15, Ética e História Oral**; São Paulo, 1997.

SÊGA, Rafael Augustus. **O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici**. Anos 90, Porto Alegre, n.13, julho de 2000.